

Exma. Senhora Presidente da Câmara Municipal de Abrantes,

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal,

Exmas. Senhoras e Senhores Vereadores,

Exmas. Senhoras e Senhores Deputados Municipais,

Exmas. Senhoras e Senhores Presidentes de Junta,

Senhoras e Senhores Convidados,

Senhoras e Senhores Jornalistas,

Caríssimas e Caríssimos Cidadãos,

A sociedade que constituímos e na qual vivemos tem um valor referência. Um valor que perdura, permanece e que se assume como principal, marcando-se, na sua plural manifestação, pela intangibilidade e pela indiscutibilidade – o indivíduo e os seus Direitos.

Há 42 anos, ultrapassado o ideal autoritário de subordinação do indivíduo à tirania do silêncio e à vontade de uma minoria, a liberdade, a realização pessoal e o respeito pela personalidade e personalização afirmaram o direito inalienável que o indivíduo tem de ser ele próprio. De fruir a vida, dando resposta aos seus sonhos, vontades e ambições. E de ser livre, perante as escolhas a que o caminho da vida obriga.

Hoje, é isto mesmo que celebramos: a Liberdade – enquanto valor e, sobretudo e previamente, enquanto materialização concreta daquilo que cada um é em si. Porque, de facto, é a constatação de que somos efetivamente livres que permite a realização pessoal. E isto é fundamental para cada ser humano. Como escrevera, em tempos, Jean-Paul Sartre, “o projeto livre é fundamental, porque ele é o meu ser”. Não podemos negar nenhum ser humano na sua unicidade. Não podemos negar a Liberdade.

Torna-se, portanto, imperativo celebrar a sua conquista, enquanto verbo que conjugamos no presente do nosso quotidiano. Torna-se imperativo

celebrar a Revolução de 25 de Abril de 1974 como uma manifestação viva de Esperança, de Vontade e de Desafio. Torna-se imperativo celebrar o reencontro de Portugal consigo e com a sua História de ousadia. Torna-se imperativo celebrar o reencontro da nossa Nação com a vida humana e com a dignidade e Direitos que lhe são intrínsecos.

A Revolução dos Cravos não é somente um acontecimento que marcou um dado período da História. Transcende quaisquer fronteiras temporais e tem a sua marca indelével em cada Português. Traduz-se na Liberdade que afirmamos em cada ação. Por isso, a Revolução que hoje celebramos é sinónimo de um legado que devemos preservar. E nós, os Jovens, temos uma responsabilidade incomensurável neste capítulo. Somos o Futuro do nosso país e da nossa cidade.

Em 2016, neste contexto muito singular para a comunidade abrantina, a comemoração do Centenário da Elevação de Abrantes à categoria de Cidade não é um ponto de chegada. É, antagonicamente, um ponto de partida para novos sonhos. Para ambições a novos impossíveis. Para novos caminhos. Assim, queremos ser um monómio fundamental e imprescindível da equação que Abrantes perspectiva para os próximos 100 anos. Seremos nós a definir a direção e o sentido do próximo século de História desta comunidade.

Não dispensaremos o Passado, enquanto alicerce do Futuro e garante da identidade. A nossa História é uma referência constante que nos enche de orgulho e que nos desperta para um sentido de limite. Contudo, o nosso foco será o Futuro. Adaptando a célebre frase de Descartes, queremos, logo somos. E Abrantes será aquilo que nós quisermos ser – dinâmicos, empreendedores, criativos. A Liberdade é um Direito que queremos elevar a grandes expoentes.

A Associação de Estudantes do Agrupamento de Escolas Nº2 de Abrantes tem primado por isto – pela inovação e pela vontade de fazer mais. O INSPIRA-TE, que decorreu no passado dia 16 de abril, e o musical “A Campanha Só Toca Uma Vez”, a apresentar no próximo dia 3 de junho (e para o qual estão, desde já, convidados), são exemplos de atividades que ilustram o nosso querer. Queremos lutar contra o conformismo e contra a passividade. Queremos ser um elemento ativo e construtor da nossa comunidade.

Felizmente, não sabemos o que é acordar para uma vida com medo, desprovida de sonhos e vontades. Não sabemos o que é acordar para uma vida sem Liberdade. Crescemos nela e crescemos com ela. Todavia, porventura porque sempre vivemos e convivemos com a Liberdade, nem sempre lhe damos valor.

Reconhecemos, com mágoa, que a participação juvenil na vida política e democrática, no seu sentido restrito, é, de um modo global, muito reduzida. O desinteresse pela atividade política, o pleno alheamento dos Jovens face a estes temas e os elevados valores de abstenção provam-no.

Esta realidade dirime as conquistas de Abril. Dirime a voz do cidadão que, em Democracia, não se pode ausentar das decisões da *polis*. A apatia e a inexistência de um espírito crítico face à atividade política têm implicações no Futuro do nosso país e no Futuro da nossa cidade.

A Democracia não é um dado adquirido – deve ser preservada. Assim, urge mudar este paradigma, mas urge, sobretudo, definir uma estratégia que deverá passar por duas diretrizes de ação.

Em primeiro lugar, pelo exemplo. Baden-Powell, fundador do Escutismo, asseverava, com razão, que “Não há ensino que se compare ao exemplo”. A imagem da atividade política não deve obedecer a jogos partidários ou ao favorecimento das elites governativas. Deve, isso sim, servir os cidadãos.

Depois, deverá, também, focar-se no envolvimento dos Jovens. Não esquecemos, a nível local, a voz que nos tem sido através da presença no Conselho Municipal da Juventude ou no Conselho Municipal da Educação. Não esquecemos iniciativas como o *Nós, os Jovens* ou o Encontro Municipal de Associações Juvenis. Mas queremos uma voz mais forte e, neste sentido, queremos aproveitar esta oportunidade para lançar um desafio. O projeto *Jovem Autarca*, empreendido pelo concelho de Santa Maria da Feira, desde o ano passado, é uma iniciativa que segue seriamente todo o processo eleitoral (campanha, debates e eleição) e permite que uma equipa de jovens, entre os 12 e os 18 anos (o autarca e os seus vereadores), se assumam como a voz da

sua geração, gerindo um orçamento de 10000€ para o cumprimento do seu programa eleitoral.

Acreditamos que esta iniciativa, ou outras de caráter semelhante, são capazes de potenciar a participação cívica e ativa dos Jovens nas decisões e no Futuro da nossa cidade. Porque, por vezes, não são os Jovens que se distanciam da política. É, também, a política que se afasta deles. A Democracia não dispensa os Jovens e exige um cuidado e atenção permanentes, principiando pela sua raiz.

Neste sentido, o Poder Local deve ter um papel de extraordinária importância para minorar o distanciamento juvenil face à atividade política e um projeto deste cariz seria, a nosso ver, uma insigne forma de inaugurar o caminho para o próximo Centenário.

Para terminar, como um dia escreveu Fernando Pessoa, em *Mensagem*, “Senhor, falta cumprir-se Portugal”. Só cumpriremos Portugal e a evolução que o termo R(evolução) contém e pressupõe com um exercício pleno da Democracia e com um maior envolvimento dos Jovens.

Os Jovens, a Democracia e o Futuro são termos indissociáveis do léxico da Liberdade que Abril nos trouxe. Nunca nos esqueçamos, por isso, que este Direito é a maior força viva que existe e que Abril nos trouxe, porque...

Abri a porta para voos antes impedidos

Abri a porta para a voz dos oprimidos

Abri a porta para a democracia

Abri a porta para os sonhos que alguém impedia

Abri o caminho para o futuro

Abri o caminho para que futuro?

Abri? Perdão, Abril.

Muito obrigado.